

A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO

BABAÇU: um estudo preliminar.

Valderiza Barros.¹

IFMA- BURITICUPU, e-mail: valderizabarros@yahoo.com.br

RESUMO

O referido trabalho objetiva mostrar a concepção de educação oriunda das quebradeiras de coco babaçu enquanto movimento organizado. As quebradeiras de coco babaçu sustentam suas famílias com a quebra do côco e constituem um movimento organizado nos Estados do MA, PI, TO, PA. Procuro perceber dentro dos relatórios e demais atividades que envolvem o MIQCB- Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu, qual a concepção de educação dessas mulheres.

Palavras-chave: quebradeira de coco babaçu, educação, movimentos sociais.

¹ Pedagoga-UFMA. Especialista em Sociologia das Interpretações do Maranhão.UEMA.2010; Especialista em EJA- educação de jovens e adulto IESMA/2010, Mestranda do Mestrado em Desenvolvimento Socioespacial e Regional da UEMA.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo surgiu da junção de várias experiências pessoais em torno do universo das quebradeiras de coco babaçu e das inquietudes educacionais que possuo relacionadas à educação de jovens e adultos. Além dos conhecimentos adquiridos nas disciplinas ministradas na Especialização de EJA oferecida pelo IESMA, não posso deixar de incluir o fato de ser filha de quebradeira de coco e desde muito cedo lidar com a realidade das mulheres que usam a quebra do coco como meio de sustento das suas famílias.

Assim, este trabalho está subdividido em três momentos: inicialmente farei uma breve apresentação do movimento das quebradeiras de coco babaçu, utilizando por base as minhas experiências junto ao MIQCB enquanto secretária. Em seguida abordo a concepção educativa do próprio movimento, ou seja, a partir das falas encontradas nos relatórios e documentos do MIQCB, analiso a concepção de educação desse movimento social formado por mulheres camponesas, oriundas dos extratos pobre da população maranhense e brasileira, que não tiveram acesso à escola formal oferecida pelo Estado. Por último, apresento a partir de um relatório as principais demandas educacionais feitas pelas quebradeiras em diversos momentos, e analiso que o acesso à educação é uma das reivindicações permanente do MIQCB, sendo vista como um dos elementos fundamentais para a melhoria da qualidade de vida.

2. AS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU no MIQCB: Breve apresentação.

Uma das questões que orientou esse tópico foi: quem são as quebradeiras de coco babaçu? Em busca de elementos para caracterizar esta agente social buscamos analisar os diferentes aspectos relacionados a vivência desse segmento, incluindo o espaço social onde essas mulheres desenvolvem suas relações familiares, culturais e de trabalho. O termo “quebradeira de coco”, ligado a uma atividade econômica, aparece como uma forma de auto definição. As quebradeiras de coco babaçu possuem uma identidade porque se definem e são definidas de tal forma (BARTH: 2000, pp.25-67).

Essas mulheres ocupam várias posições sociais, são trabalhadoras rurais extrativistas do babaçu, esposas, mães, com dupla ou até tripla jornada de trabalho. Mulheres que despertam cedo, pois antes de sair para o trabalho deixam o lar organizado, fazem algo para deixar para os filhos comerem e levam consigo para as áreas de trabalho a comida necessária para a reprodução das energias durante o dia de trabalho na quebra do coco.

As quebradeiras de coco babaçu enfrentam dificuldades em adquirir o coco babaçu, pois a maioria dos babaçuais encontram-se em áreas privadas. Diante dessa situação as quebradeiras de coco babaçu decidiram se organizar para reivindicação de seus direitos. A emergência dessas mulheres como agentes políticas nasce dentro de um contexto mais amplo denominado pelo historiador inglês Eric Hobsbawm(1995) de emergência dos novos movimentos sociais.

Esses novos movimentos sociais tomam formas variadas, de acordo com a realidade onde estão atuando. A particularidade dos novos movimentos vai estar essencialmente nos seus objetivos, valores e formas de atuação, que irão se deslocar do modelo tradicional de luta social. A organização dessas trabalhadoras rurais em um movimento surge a partir do desenvolvimento de uma consciência coletiva, de que era necessário construir um movimento que encampasse as bandeiras de luta e discutisse os problemas que eram comuns dessas mulheres extrativistas: identidade, gênero, por necessitarem estar junto aos companheiros nas discussões dos sindicatos, ecologia por lutaram contra derrubada de palmeiras, educação voltada para as questões da realidade local, em fim romper com formas tradicionais de organização.

A organização das quebradeiras de coco começou nas regiões norte e nordeste a partir de 1989. Em 1990, mulheres destas regiões tomam medidas de articulação política, ampliando a capacidade mobilizatória, até então localizada. O fato histórico que inicia a construção do MIQCB (Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu) e o “Encontrão”² realizado em 1991.

Desde 1991 o MIQCB já realizou diversos encontros, mobilizações, formações, eleições, organização de regionais, de cooperativas, reinserindo as quebradeiras e suas famílias num espaço ativo de cidadania iniciando a quebra do ciclo da pobreza e da carência e dando continuidade a um processo de valorização cultural, econômica e social desse segmento social.

Na estrutura formativa do MIQCB, há diversas linhas temáticas tais como: infra-estrutura, geração de renda, reforma agrária, gênero, formação e capacitação, dentre outras. Para cada linha há uma coordenadora, em cada regional. Dentro do campo educacional as discussões estão entrelaçada dentro das linhas temáticas, como análise na seqüência:

3. CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU DO MIQCB.

“ Companherias, sabem por que estou aqui? Porque sou uma doutora. Porque tenho uma grande formatura. Tenho diploma. Meu diploma é na quebra do coco babaçu”. (Raimunda Gomes da Silva-TO)³.

A educação para as quebradeiras de coco babaçu, tendo em vista os depoimentos feitos nos relatórios do MIQCB, assim como, nas conversas realizadas com pesquisadores tem um significado social ligado às suas experiências cotidianas. Nas suas posições distinguem os diversos tipos de escolas que tem a comunidade, tais como: Escola família agrícola, escola regular, escola técnica dentre outras, mas, que ainda não atendem suas necessidades.

Por estarem engajadas nos movimentos sociais dos mais diversos, construindo a própria identidade⁴ como quebradeira de coco o significado de educação está referido à dimensão política, ou seja, a educação para essas mulheres visa buscar conhecimentos para lutar pela garantia dos seus direitos. De acordo com os vários depoimentos, podemos afirmar que a representação social de educação está vinculada à função social que a indivíduo ocupa naquele grupo e em relação às entidades civis, bem como o lugar na produção (GRAMISCI:2001), aqui referida a extração do babaçu, produção de sabonetes nas fabricas e demais produções do babaçu.

A concepção⁵ de educação é demarcada pela experiência pessoa (educação como tratamento entre pessoas), pela experiência de trabalho(educação como uma função relativamente técnica), pela inserção em movimentos específicos de luta e participação política(educação como forma de reivindicação de direitos), ultrapassando o sentido de processo sistemático⁶ de obtenção do conhecimento, haja vista a clivagem que demarcam especificamente entre educação e ensino que no

² Encontrão é o nome dado pelas quebradeiras ao 1º encontro, realizado em São Luis entre 24 e 26 de setembro de 1991, que reuniu 250 mulheres quebradeiras de coco do Maranhão, Piauí, Tocantins e Para, sendo promovido por diversas entidade de apoio a essa luta. (RELATORIO I EIQCB, 1991,p.9)

³ Quebradeira de coco do Tocantins, uma das fundadoras do MIQCB.

⁴ Ver BARROS, MÚLTIPLAS IDENTIDADES DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU. UEMA/2010

⁵ Emprego essa palavra com sentido de conhecimento, ou seja, o conhecimento que essas mulheres possuem da realidade onde vivem, na contramão do mercado que diz que a educação é uma mercadoria a serviço do grande capital e da indústria.

⁶ Saindo da educação de método, de uma pedagogia bancária como diria Paulo Freira.

entendimento de Paulo Freire deva adquirir o lugar de uma educação onde a leitura do mundo anteceda a leitura da palavra.”

É importante registrar que além do MIQCB as quebradeiras de coco babaçu vêm se organizando em cooperativas, associações, cantinas, fábricas de sabonetes e atualmente abastecem o mercado nacional e internacional com os mais variados produtos derivados do babaçu, dentre eles sabonetes, sabões, óleo, papel reciclado, farinha do mesocarpo. Toda essa produção é acompanhada de uma preservação do meio ambiente a partir de consórcios do babaçu com a roça, ou seja, implantação de roças orgânicas e mecanismos de recuperação de áreas degradadas. Tal nível de organização dessas mulheres já representa um diferencial da organização dessas trabalhadoras frente a muitos movimentos sociais, por ultrapassarem o âmbito da reivindicação, e criarem elas mesmas, alternativas que garantam o desenvolvimento e sustentação de sua atividade extrativista.

Outro ponto relevante como consequência das mobilizações das quebradeiras de coco babaçu é a formação de uma identidade de quebradeira de coco, reconhecida pelos aparelhos de poder, ou seja, emprestando significado político a uma categoria social de uso cotidiano (ALMEIDA, 1995) como podemos observar no depoimento abaixo:

“um dos avanços é essa reconhecimento, né? Que passa a ser uma coisa mais aprofundada, que é uma questão de gênero mesmo, de eu ser mulher, o ser mulher e exercer e até se identificar como quebradeira, que é um avanço, que antes, quando vinha uma pessoa de fora que você não conhecia, se você viesse com um côfo na cabeça com um machado, você corria pra se esconder, hoje não, você acha que é trabalho como todos...” (Martins, 2001.p.178)

Percebe-se pelo depoimento acima que a atividade de quebra do coco anteriormente a organização das mulheres no movimento era motivo de vergonha, ou seja, vista como menor. É a organização coletiva e a reivindicação por seus direitos que reverte essa visão negativa. Hoje as quebradeiras de coco consideram sua profissão como digna e como uma profissão de doutora, conforme o depoimento que citamos no início do capítulo onde a quebradeira de coco Raimunda Gomes da Silva-TO, afirma ser doutora por possuir conhecimento na quebra do babaçu há ao mesmo tempo se autoafirma como tal.

Observo que com relação à educação as mulheres quebradeiras de coco valorizam o saber adquirido cotidianamente e que vem buscando se capacitar a cada dia. O debate em torno da educação aparece desde os primeiros encontros e já há algumas iniciativas de uma educação voltada para realidade local.

As principais lideranças do MIQCB procuraram ao longo dos anos estudar e se capacitar como meio para conseguirem discutir com órgãos dos governos-pessoas funcionários- suas propostas e reivindicações a exemplo da Lei de Livre Acesso aos Babaçuais, que além do conhecimento ligado as suas práticas cotidianas, essas mulheres sentiram que precisavam dominar o saber dos livros. Além das experiências no âmbito da produção extrativista há um investimento na educação dos filhos a partir da criação das Escolas Família Agrícola. Essas escolas têm por finalidade formar os jovens para a realidade do campo onde estão inseridos ao mesmo tempo em que eles exercem o que aprendem contribuem na família e na comunidade com novas tecnologias de produção agrícola e extrativista, dedicando respeito ao meio ambiente. A sistemática das Escolas Agrícolas baseia-se na alternância entre o aprendizado teórico e prático. Os alunos ficam 15 dias na escola e 15 dias em casa exercendo o que aprenderam. Alguns desses estudantes depois que concluíram o segundo grau, continuam em seus locais de origem e atuam também junto aos movimentos sociais.

Outra experiência na área de educação trata-se do Programa Nacional de Educação e Reforma Agrária (PRONERA) que tem contribuído para uma educação das lideranças nas regiões e para um ensino direcionado à realidade local.

A concepção sobre educação também muda de acordo com a posição social ocupada por cada quebradeira de coco. As que estão organizadas no MIQCB possuem críticas em relação à falta de políticas públicas para a referida área. A esse respeito (ROCHA,2002), elabora um quadro

relacionado a posição da quebradeira de coco na sua comunidade e a sua representação sobre educação. No caso das lideranças que passam a ocupar cargos de poder percebemos que elas demarcam diferenças entre educação ligada a autores de livros e educação cultural ligada à família. Distingue entre a educação que liberta e a que ensina a ficar calado. (Paulo Freire: p.114, 2000). Aponta que:

...toda compreensão de algo corresponde, cedo ou tarde, uma ação. Captado um desafio, compreendido, admitidas as hipótese de resposta, o homem age. A natureza da ação corresponde à natureza da compreensão.

Nesse processo de luta por melhores condições de vida essas mulheres tornam-se ativas compreendem que estão na e com a realidade, por isso, ativas, atuantes e críticas.

Na constituição do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu há várias bandeiras de lutas dentre elas Educação, Saúde, Babaçu Livre, Meio ambiente. Na representação das quebradeiras as palmeiras são da natureza e não devem ser privatizadas, ou seja, essa é a justificativa para a reivindicação do livre acesso aos babaçuais.

4. O MIQCB: CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO A PARTIR DOS ENCONTROS, RELATORIOS E PROJETO.

De acordo com depoimentos que estão contidos nos relatórios dos encontros projeto e reuniões de avaliação, identificamos a visão do MIQCB em relação à educação. A partir desse capítulo passo a expor essas concepções. Segue um trecho do relatório do I Encontro Interestadual, que ocorreu em 1991:

“ a educação que as mesma tiveram na infância foi bastante repressora, as filhas não poderiam ir a escola, pois estudar era só para aprender a escrever cartas para namorado. E os meninos tinham que ajudar na roça. E as meninas esperavam chegar aos 15 ou 16 anos para casar”. (MIQCB,1991,p.16)

No mesmo relatório, em outras passagens, as quebradeiras de coco enfatizam os problemas relacionados à educação pública viabilizada para as áreas rurais, conforme o trecho a seguir:

“...a situação da educação no Estado e no Município é uma só: falta compromisso do poder publico com a educação; falta escola na comunidade, as poucas que tem estão em péssimas condições; os salários dos professores são baixos; os nossos filhos são discriminados, não tem as mesmas oportunidades, não podem sequer pagar taxas para se inscrever em concursos, as vezes são aprovados e não são chamados por serem negros. Os empregadores sempre exigem boa aparência..”(MIQCB, 1991, p.17)

Percebe-se nos depoimento que as mulheres possuem uma visão crítica da educação ofertada pelo Estado. No primeiro depoimento a educação das meninas é desvalorizada, considerada inútil. As representantes do Movimento questionam a colocação de que as mulheres não deveriam estudar e possuem um conhecimento das deficiências estruturais da educação contemporânea. Esse último ponto pode ser mais percebido no segundo depoimento. Ainda com relação ao primeiro depoimento percebe-se a emergência da discussão de gênero onde o debate gira em torno da discriminação das meninas.

Ainda no relatório do primeiro encontro aparece uma proposta de educação considerada adequada, segue o trecho:

“...queremos uma educação que respeite nosso modo de vida. Nossa vida lá na comunidade. Que possa nos ajudar a transformá-la. Queremos uma educação libertadora

que traga para a vida a diferenciação libertadora dos sexos, uma educação que respeite a nossa realidade e que possa ajudar a transformá-la...(MIQCB, 1991. P.17)

Essa discussão reaparece nos relatórios subsequentes. No relatório do segundo Encontro que ocorreu entre os dias 12 e 14 de outubro de 1993, identificamos a colaboração de que “a escola e a família negam o valor da mulher, porém elas estão dialogando para uma nova visão que reverta essa concepção machista que domina a sociedade”. Reaparece a discussão de gênero. A escola e a família aparecem como instituições que reproduzem os valores sociais.

Permanece nesse relatório do MIQCB uma crítica ao poder público, no que se refere à área da educação as mulheres dizem que o governo é ausente e uma ressalva em relação à importância da mobilização política do grupo, fato que pode ser percebido na citação que segue: *“As escolas só funcionam quando a comunidade está organizada; faltam professores e merenda e material escolar”*

Com relação ao relatório do quarto encontro, ocorrido entre os dias, 11 a 14 de setembro de 2000 *“Contribuímos para a elaboração desse estudo que é importante para nós e para as bibliotecas” (MIQCB:2001p.17)*.¹, percebemos que inexistente uma referência explícita a educação, o que não significa que esse debate tenha sido deixado de lado. Inclusive ocorre, nesse encontro o lançamento da edição do livro Economia do Babaçu: levantamento preliminar de dados. Esse livro, escrito com a participação das quebradeiras de coco pode ser analisado como uma produção que visa registrar essa história de luta. Segue um trecho da fala de uma quebradeira de sobre esse lançamento:

No relatório do quinto encontro nos chamou atenção uma fala da senhora Francisca (TO) em relação à educação e ao ensino aprendizagem: *“as quebradeiras não tiveram estudo, mas são professoras”*. Ou seja, consideram não somente o saber e a qualificação “formal”⁷ como fazendo parte do processo de ensino aprendizagem, mas os conhecimentos adquiridos em outros espaços de ação social.

No quinto encontro houve a elaboração de uma carta a ser encaminhada para os órgãos públicos com as reivindicações dos Movimentos Sociais. Nessa carta, a participação do movimento na várias capacitações e qualificações se faz necessária para uma formação das quebradeiras de coco e para uma ampliação do diálogo com os representantes do governo.

Outro documento que serviu de referência foi o relatório do projeto “Alternativas Econômicas para Erradicação da Pobreza-ALTECON” a ser financiado por um órgão governamental Britânico chamado Departamento Internacional para o Desenvolvimento da Grã-Bretanha. Para elaboração desse relatório foram realizadas 07 oficinas nas regionais do MIQCB, com um número significativo de pessoas. Ocorreu uma consulta popular que visava levantar as principais demandas em diversas áreas, dentre elas a educacional. Além dos problemas as quebradeiras de coco apresentavam as possíveis soluções. Esse documento apresenta as propostas divididas por regional o que possibilita uma visão das especificidades das regionais.

Quadro 1: demanda do MIQCB em relação à educação

Regionais	Local da oficina	Demanda e soluções
Mearim(MA)	Bacabal	Modificação dos Currículos, criação de escola família agrícola, programas governamentais específicos para as mulheres quebradeiras de coco, monitorias, criação de escolas de nível médio,exigir legalização das escolas,

⁷ Educação nas escolas ofertadas pelo poder público, onde o currículo não atende a realidade das quebradeiras de coco babaçu.

		acompanhamento e administrado pela comunidade, criar escolas de ensino médio nos povoados maiores - exigir do governo do estado aplicação correta dos recursos do FUNDEF - acompanhamento da comunidade escolar que os alunos cujo pais reivindicam as bolsas-escolas sejam os beneficiados e não outros alunos, que os filhos das quebradeiras tenham acesso à educação.
Imperatriz(MA)	João Lisboa	Plano de formação, construção de escolas agroextrativistas; creches; investimento na capacitação; artesanato; Fabricação de doces; legislação ambiental, educação ambiental; pesquisa; tecnologia adequada ao babaçu; capacitação permanente para os técnicos assessores, cursos de formação e capacitação de legislação agrária, investimento e capacitação sobre ervas medicinais, investir na organização, capacitação e no acompanhamento técnico. Faltam escolas, as que tem são só até 4 serie, inexistência de escolas, escolas distantes das comunidades, falta de professores qualificados.
Baixada (MA)	Matinha	Implantação escola família agrícola, que o currículo escolar seja adequado a realidade dos trabalhadores, produzir material didático pedagógico com conteúdo da realidade em que vivemos os trabalhadores da Baixada, viabilização do PRONERA, criação de escola família agrícola, criação de escolas voltadas para a juventude do campo.
Esperantina(PI)	Esperantina	Melhoria das instalações físicas das escolas, escolas instaladas na comunidade, professores seja qualificados no próprio local. Educação adequada a realidade.
São Luis(MA)		Instalação/currículo/material didático, escola família agrícola, programa de orientação aos pais (educação dos filhos), viabilizar o PRONERA, qualificação do professor.

Apesar das diferenciações em relação aos problemas de cada regional há problemas comuns. Em relação à educação identificamos que nas reivindicações de todas as regionais aparece referência a adequação do ensino escolar adequado a realidade local. É possível perceber pela tabela acima que as regionais possuem uma visão crítica da política educacional existente em seus Estados e no Brasil, inclusive com proposta para o segmento.

5. CONSIDERAÇÕES:

Busquei sistematizar a concepção e necessidades das quebradeiras de coco babaçu, entorno, da educação, mesmo ciente que a totalidade social e bem maior que a soma das partes, ou seja, que os conhecimentos que o MIQCB possibilita a uma pesquisa mais prolongada é bem maior do que o que estou apresentando nesse momento e que há outros subsídios para novas reflexões a exemplo da Lei do Babaçu livre, mas, farei algumas considerações:

Ao analisar os relatório e documento oriundos das atividades do MIQCB, foi nossa preocupação refletir sobre a concepção educacional das quebradeiras de coco. Nessa análise percebi que as mesmas compreendem a educação de forma ampla, transcendendo os limites da escrita como

já advogava Paulo Freire, o que evidencia uma consciência da realidade concreta, possibilitando a práxis pedagógica.

O MIQCB nos oferece uma compreensão da educação à luz das necessidades da realidade específica do segmento o qual representa de certa forma e, vai além do planejamento do Estado. A educação no campo é discutida de forma ampla e crítica.

RÈSUMÈ

Ce document vise à montrer le concept de l'éducation provenant de la coupe de noix de casseuses de babassu comme un mouvement organisé. Les disjoncteurs de noix de casseuses babassu nourrir leurs familles en brisant la noix de coco et est un mouvement organisé dans l'État du Massachusetts, PI, TO, PA. Cherchant à réaliser dans les rapports et les autres activités qui MIQCB la conception de l'éducation de ces femmes.

Mots-clés: Noix de coco babassu crash, l'éducation, les mouvements sociaux.

6. REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Quebradeira de Coco Babaçu: identidade e Mobilização. São Luis, Estação Publicidade&Marketing Ltda. 1995.p.11-23.

BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: o guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Org. Tomke Lask. Contracapa, 2000, PP. 25-67.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 2000.

-----Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1979.

_____ Educação e Mudança/ Paulo Freire; tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979.

GRAMISCI, Antonio. Concepção dialética da história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.1978.

_____Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.

HOBSBAWM, Eric. A era dos extremos- O breve século XX(1914-1991). São Paulo: Cia da Letras, 1995.

ROCHA, Heliananne Oliveira. A representação de educação pelas quebradeiras de coco babaçu da comunidade de Ludovico: uma análise dos critérios de construção social dos conceitos de educação e escola. Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão.2002.

Silva, Tomaz Tadeu. Territórios Contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 1995.